

Apresentação:

Esta ficha atende a 1 objetivo principal: oferecer os conteúdos básicos a respeito dos objetivos do nosso Plano de Estudos do 4º Bimestre.

Objetivos:

- **Entender** o que é migração internacional e **reconhecer** as motivações que levam as pessoas a se deslocarem pelo espaço geográfico.
- **Compreender**, dentro desta variedade de motivações, a importância da *mobilidade da força de trabalho* para o desenvolvimento do capitalismo e para o processo de globalização atual.
- **Relacionar** as características específicas do mundo globalizado com o aumento no fluxo de pessoas pelo mundo e com o aumento das migrações internacionais.
- **Compreender** o projeto de integração social europeia e seu fracasso na prática.
- **Conhecer** alguns dos argumentos anti-imigração surgidos na Europa recentemente.
- **Compreender** a migração para os Estados Unidos no contexto da mobilidade da força de trabalho.
- **Problematizar** a questão das barreiras e fronteiras no mundo globalizado.

Orientações para a leitura da ficha:

- ✓ Leia atentamente o texto numa primeira vez, sem grifá-lo.
- ✓ Selecione as palavras cujo significado você desconhece. Caso não consiga compreender o significado de cada uma delas por meio do contexto, procure as definições no dicionário. Organize um glossário dessas palavras em seu caderno.
- ✓ Você deverá realizar uma segunda leitura, agora seguindo alguns objetivos específicos.

1º passo: Sublinhe a lápis (ou com caneta marca-texto) as ideias principais de cada tópico do texto. Fique atento com o excesso de grifos, pois isto pode indicar que você não conseguiu identificar e extrair as ideias essenciais do texto.

2º passo: Sublinhe com outra cor (ou faça uma chave) ao lado do(s) trecho(s) em que você encontrou dificuldade para a compreensão dos conteúdos abordados.

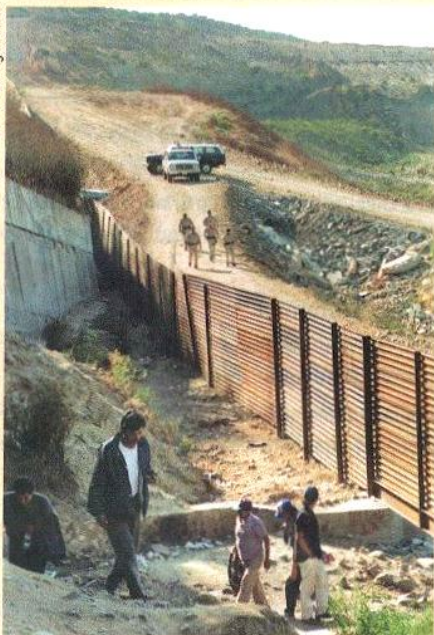
Boa leitura.
Prof.^a Renata Sampaio.

20 Movimentos populacionais

CONTEXTO E REFLEXÃO

Observe as fotos:

David Turnley/CORBIS



Muro separa trecho da fronteira do México com os EUA. Do lado direito, ao fundo, patrulha faz a fiscalização.



Hulton-Deutsch Collection/CORBIS

Em maio de 1966, turistas em Berlim Ocidental observam a parte oriental da cidade, do outro lado do muro que dividiu Berlim até novembro de 1989.

DISCUTA

- 1 Existem elementos comuns nas fotos? Em caso afirmativo, quais?
- 2 Há diferenças no tipo de controle exercido entre as duas fronteiras?
- 3 Você conhece outros muros existentes no mundo atual e sabe a razão pela qual foram construídos?

GLOBALIZAÇÃO E MIGRAÇÕES

A partir do século XVI, no início da formação do capitalismo, as migrações em escala continental ocorreram de modo geral da Europa para as regiões que ainda não haviam incorporado o desenvolvimento tecnológico e os padrões culturais europeus. Hoje, os fluxos migratórios internacionais ocorrem, de certa forma, na direção inversa. As populações das regiões mais pobres esperam desfrutar de melhores

condições de vida nos países mais desenvolvidos, os quais, em sua maioria, estão localizados no continente europeu.

O sentido desses fluxos é, em muitos casos, resultado do distanciamento (cada vez maior) entre a riqueza acumulada nos países desenvolvidos e a situação de pobreza enfrentada por parcela significativa da população dos demais países.

Entre os acontecimentos que estimularam as migrações internacionais na década de 1980 destacam-

se o ciclo recessivo da economia mundial e a crise dos países socialistas. O processo de globalização da economia também tem intensificado os movimentos populacionais.

O desenvolvimento tecnológico nas últimas décadas do século XX intensificou as disputas no mercado internacional. Com as novas formas de produção de mercadorias e a crescente informatização do sistema financeiro e dos serviços bancários e comerciais, as atividades econômicas estão absorvendo cada vez menos trabalhadores, especialmente os de baixa qualificação.

Se nos países desenvolvidos o índice de população desocupada é preocupante, nos países subdesenvolvidos, que ainda mantêm um índice de crescimento populacional relativo (caso dos subdesenvolvidos industrializados) ou elevado, as perspectivas a longo prazo são bem mais preocupantes. Atualmente, o mundo subdesenvolvido tem procurado atrair investimentos de empresas multinacionais, visando dinamizar sua economia, elevar a entrada de divisas e aumentar sua capacidade de produção de bens, geração de serviços e exportação.

Mas esses investimentos, de modo geral, não ampliaram a oferta de empregos. Em muitos casos, acarretaram a falência de empresas nacionais que utilizavam muita mão-de-obra e pouca tecnologia. Essa crise tem gerado grupos de profissionais marginalizados, que não conseguem voltar ao mercado de trabalho, seja pela baixa qualificação, seja pela própria redução na oferta de vagas.

Os avanços nos meios de transporte também facilitaram o deslocamento de imigrantes para regiões mais distantes de sua terra natal.

Migrações internacionais

Os deslocamentos populacionais fazem parte da história da humanidade, tendo sido responsáveis pela formação dos diversos povos e, em certa medida, dos próprios elementos culturais que os caracterizam. Os grupos étnicos existentes só podem ser entendidos a partir da análise das migrações, considerando-se os choques e as assimilações culturais dos povos ao longo da história.

Com os deslocamentos populacionais, extensas regiões da Terra foram sendo ocupadas e colonizadas. O continente americano é um bom exemplo desse processo. Atualmente, as migrações internacionais tornaram-se um fenômeno nunca antes registrado em qualquer outra etapa da evolução humana. Milhares de

pessoas cruzam as fronteiras entre os países todos os anos em busca de emprego, melhores salários, oportunidades de estudo, ou fugindo da violência de guerras e perseguições políticas e religiosas.

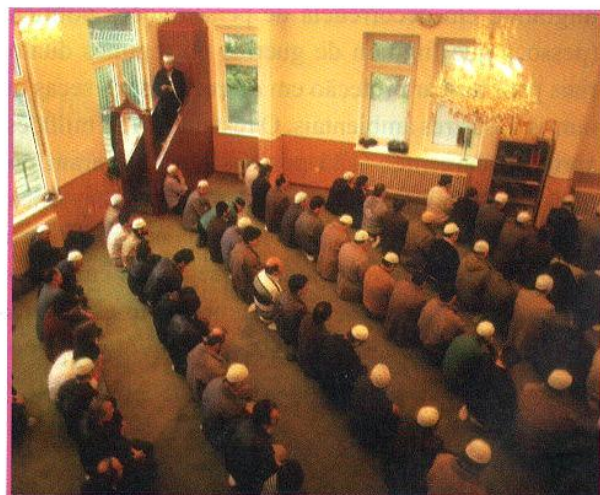
MIGRAÇÕES EM PERSPECTIVA

[...]Tendo em vista os desequilíbrios de tendências demográficas entre sociedades ricas e pobres, parece improvável que não ocorram grandes ondas de migração no século XXI. As estatísticas, por si só, sugerem essa conclusão. A Austrália, cuja população de 16,7 milhões, em 1990, deve aumentar um pouco para 22,7 milhões, em 2025, está perto da Indonésia, cuja população deve crescer de 180 milhões para 263 milhões no mesmo período.

Os Estados europeus meridionais de Espanha, Portugal, França, Itália e Grécia, cujas populações combinadas devem aumentar em apenas 5 milhões de habitantes entre 1990 e 2025, estão próximos dos países norte-africanos (Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia, Egito), cujas populações devem crescer em 108 milhões, naqueles anos. A população dos Estados Unidos tem uma previsão de crescimento de 25% em 2025, enquanto os seus vizinhos do sul, México e Guatemala, devem crescer em 88% e 225%, respectivamente, no mesmo período.

[KENNEDY, Paul. *Preparando para o século XXI*. Rio de Janeiro: Campus, 1993. p. 39.]

Quase todas as grandes cidades do mundo possuem comunidades de imigrantes, algumas das quais, numericamente significativas. São exemplos a grande concentração de turcos em Frankfurt, na Alemanha; de chineses em Vancouver, no Canadá; de argelinos em Paris, na França; de indianos e paquistaneses em

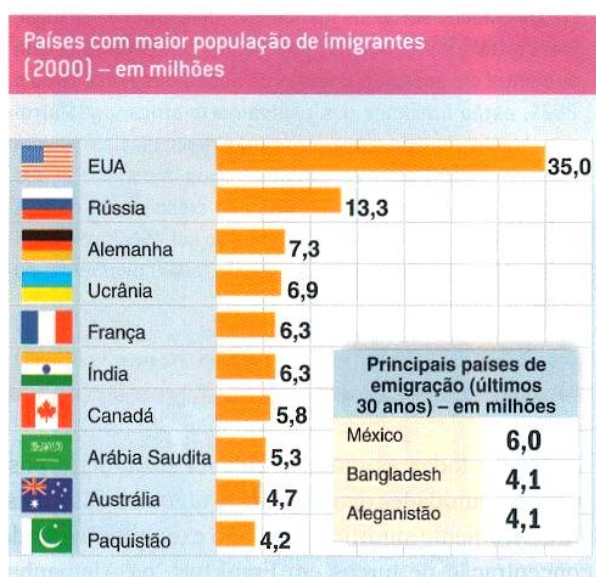


Comunidade turca em mesquita na cidade de Berlim, 1990.

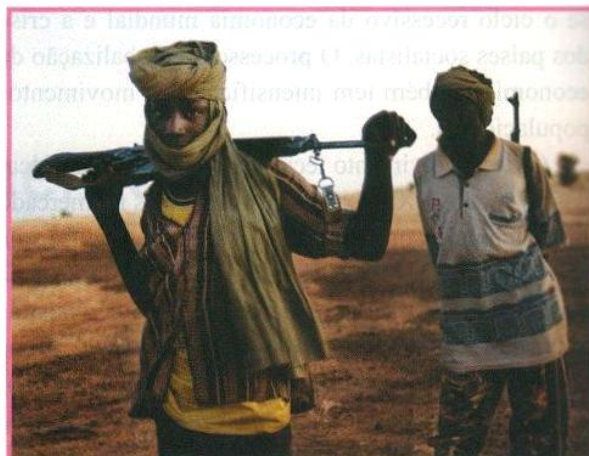
Time Life Pictures/Getty Images

Londres, na Inglaterra; e de hispânicos¹ e povos de quase toda parte do mundo, em diversas cidades dos Estados Unidos.

Segundo a ONU, em 2003, estimava-se que cerca de 175 milhões de pessoas haviam deixado sua pátria para trás – esse número corresponde praticamente ao total da população brasileira (cerca de 178 milhões, em 2003). Considerando que em 1965 o total de imigrantes chegou a 75 milhões, nos últimos 40 anos aproximadamente 100 milhões de pessoas mudaram de país. Esse volume de migrações só é comparável à emigração europeia para a América e a Oceania, ocorrida nos séculos XIX e XX.



Desses 175 milhões, aproximadamente 20 milhões migraram em decorrência de perseguições políticas (pessoas que fugiram de guerras ou regimes ditatoriais para buscar proteção em outros países), secas ou outros desastres ambientais. O restante – 155 milhões, aproximadamente – são pessoas que migraram por motivos econômicos, ou seja, que decidiram trocar uma situação de vida sem perspectivas em sua terra de origem pela esperança de consegui-las em outros países. Os imigrantes constituem atualmente cerca de 5% da população dos países desenvolvidos; nos Estados Unidos, representam aproximadamente 12% da população.



Centenas de milhares de pessoas fugiram de Darfur, no Sudão, devido à violência da guerra civil iniciada em 2003. Na foto soldados rebeldes do Exército de Libertação do Sudão patrulham o território em 2004.

Migração por razões econômicas

Aqueles que migram por razões econômicas dirigem-se principalmente para os países desenvolvidos. Após as guerras mundiais, os países europeus – principalmente Alemanha, França e Reino Unido – estimularam a migração de mão-de-obra barata, oriunda de países subdesenvolvidos. Essa migração foi importante para a reconstrução dos países europeus, além de equilibrar o déficit populacional decorrente da morte de milhões de pessoas na Segunda Guerra.

Atualmente, esses mesmos países fazem inúmeras restrições à entrada de imigrantes, sem, contudo, conseguir evitar o movimento migratório. Os imigrantes continuam atravessando fronteiras, mas ilegalmente; quando descobertos pelas autoridades locais, são sumariamente deportados.

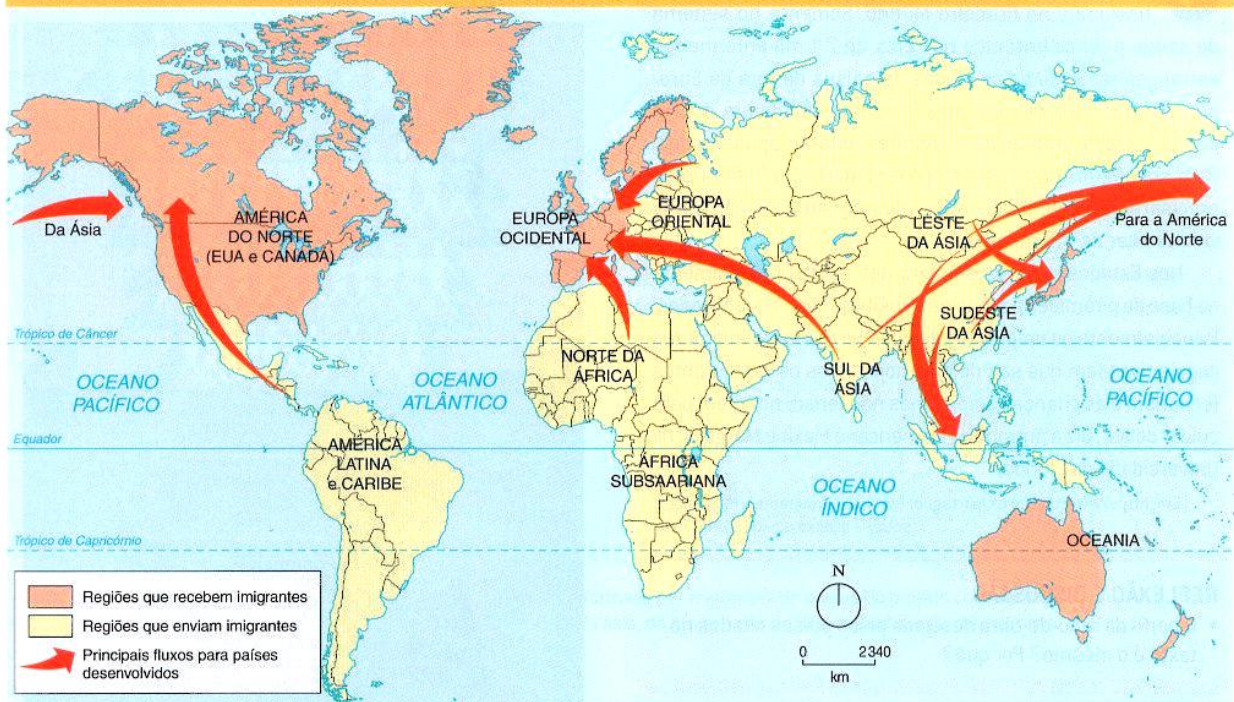
Em quase todos os países desenvolvidos, são encontrados grupos políticos de extrema-direita, os quais, dependendo do país, contam com o apoio de parcela significativa da população. Em muitos casos, esses grupos chegam a propor o repatriamento² de imigrantes, inclusive daqueles que tiveram sua situação regularizada.

Nem sempre são as pessoas pobres que migram. A migração para os países desenvolvidos atinge, em sua maior parte, a população de renda média dos países subdesenvolvidos. No início do século XXI, os mais de dois milhões de brasileiros que viviam no exterior perentenciam sobretudo às classes média e média-baixa.

¹ **Hispânicos:** imigrantes oriundos de países da América de língua espanhola.

² **Repatriamento:** ação de fazer retornar à pátria, ou país de origem.

Imigração para os países desenvolvidos (início do século XXI)



Atualidades-vestibular. São Paulo: Abril, 2005. p. 170.

A migração rumo ao mundo desenvolvido é acessível a uma pequena parte da população. Quem migra por razões de miséria absoluta mal consegue ultrapassar as fronteiras do próprio país ou do próprio continente. Na África e em algumas regiões da Ásia (sul e sudeste), a situação de miséria dificulta a saída do continente; as pessoas deslocam-se, então, de regiões fragilizadas economicamente para outras, que tampouco podem oferecer-lhes melhores perspectivas. É na África subsaariana, também denominada África Negra, que ocorre o maior fluxo de migrantes: milhões de pessoas mudam de país, muitas vezes também em razão de conflitos (guerras civis, que agravam a situação de pobreza), mas não conseguem sair do continente.

Barreiras aos imigrantes

A intensificação das migrações internacionais nas duas últimas décadas e neste início de século XXI ocorre num momento em que o mercado de trabalho tem se tornado mais restritivo e seletivo no mundo desenvolvido. Na Europa, principalmente, o índice de desemprego atingiu patamares altos nos anos 1980 e 1990, e não se observa uma reversão significativa das taxas de população desocupada.

No mundo desenvolvido, muitos dos que ficam desempregados não conseguem regressar ao mercado de trabalho exercendo atividades cuja qualificação profissional corresponda à exigida no emprego anterior. Assim, boa parte dos trabalhos de baixa qualificação, tradicionalmente realizados pelos imigrantes, passou a ser disputada pela população de origem local, restringindo as opções que sempre estiveram abertas aos estrangeiros. Tal situação tem contribuído muito para a ampliação dos conflitos sociais entre os imigrantes e as populações nativas.

OS DISPUTADOS

Muitos imigrantes são não apenas desejados, mas necessários. Existe atualmente uma grande procura por profissionais de informática em todo o mundo desenvolvido. O curioso é que é na Índia – o maior produtor de *softwares* do mundo – que países como Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha estão procurando esses profissionais.

A Alemanha concedeu no início do ano 20 mil vistos especiais de trabalho para estrangeiros qualificados na área de informática. Uma comissão apresentou na primeira semana de julho um projeto para autorizar a entrada de 50 mil imigrantes por ano, para compensar a baixa taxa de natalidade e manter o sistema de aposentadoria em funcionamento.





A área de saúde também tem carência de profissionais no Primeiro Mundo. Somente no sistema de saúde pública britânico há cerca de 7,4 mil enfermeiras estrangeiras, 6 mil delas vindas de países de fora da Europa. A ONU calcula que em meados deste século um quarto dos britânicos, franceses e alemães estarão aposentados. Para conseguir pagar essas aposentadorias, o Reino Unido precisará de 1 milhão de imigrantes por ano, e a Alemanha vai precisar de 3,5 milhões.

Nos Estados Unidos, os imigrantes estão principalmente na base da pirâmide, fazendo os trabalhos menos qualificados. Principalmente os imigrantes ilegais. “Se todos os imigrantes ilegais tivessem que sair do país hoje, todos os restaurantes fechariam e as crianças americanas não teriam ninguém para cuidar delas”, diz a antropóloga americana Maxine Margolis, da Universidade da Flórida.

[Em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/migrantes/disputados.shtml> – acesso em julho de 2005.]

REFLEXÃO E DISCUSSÃO

- O perfil da mão-de-obra desejada pelos países citados no texto é o mesmo? Por quê?

Refugiados

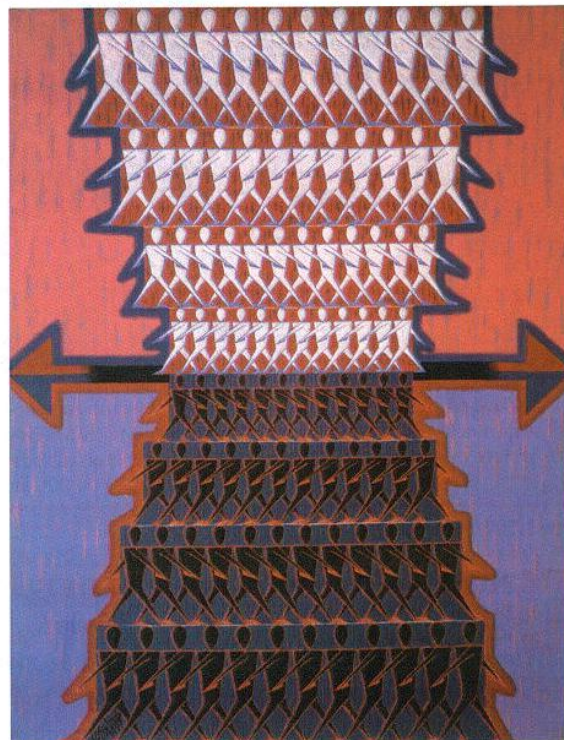
Terminada a Segunda Guerra Mundial, foi assinada a Convenção de Genebra, sob a tutela da ONU. Nessa convenção, estabeleceu-se uma regulamentação internacional, com políticas comuns para o tratamento de refugiados políticos e prisioneiros de guerra. Tais políticas baseiam-se nas regras gerais referentes a direitos humanos e direito de exílio de refugiados políticos que correm risco de morte em seu país de origem. Atualmente, 134 países são signatários³ da convenção. A ONU também criou o Acnur (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), uma organização de apoio a refugiados de todo o mundo.

REFUGIADOS POLÍTICOS

Artigo 33 – Nenhum dos Estados Contratantes expulsará ou repelirá um refugiado, seja de que maneira for, para as fronteiras dos territórios onde a sua vida ou a sua liberdade sejam ameaçadas em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação a certo grupo social ou opiniões políticas.

[ONU. Convenção de Genebra, 1951, Artigo 33.]

Espaço & Arte

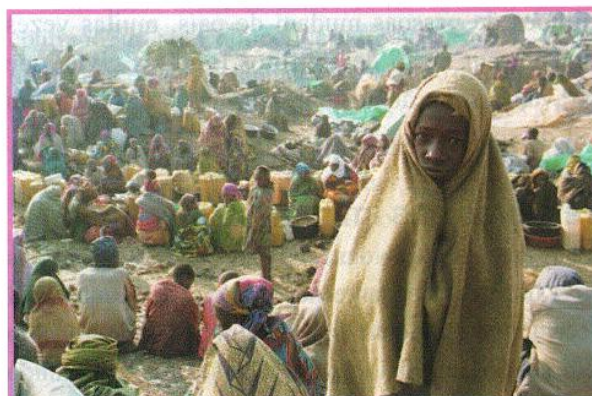


Odilla Mestriner

Odilla Mestriner nasceu em 1928, em Ribeirão Preto, SP, e é autora de vários trabalhos em que utiliza formas geométricas. Acima, reprodução da obra *Marchantes*, 1997 (0,90x0,70, acrílica sobre tela), que faz parte da série *Andantes*.

REFLEXÃO E DISCUSSÃO

- 1 Esse trabalho é um díptico, ou seja, um conjunto de duas obras similares que se complementam. Como a figura humana é representada nesse díptico?
- 2 Você relacionaria a temática desse díptico ao conteúdo do capítulo? Explique.



David Turnley/CDREBS

Campo de refugiados em Ruanda, África, 1994.

³ **Signatários:** que subscrevem (assinam) um documento etc.



ONU, 2003. Dados da Acnur.

Na África e na Ásia, a quase totalidade dos refugiados é formada por migrantes de países do próprio continente; já na Europa, os refugiados originam-se, em sua maioria, da Ásia, da África e dos países do Leste europeu, incluindo a Rússia.

Migração forçada ou tráfico humano

O século XXI ainda registra casos de migração forçada e escravidão: são grupos de pessoas deslocados de seus países e submetidos a trabalhos forçados em fábricas, fazendas e residências (serviços domésticos). As mulheres e meninas são mais vulneráveis a esse tipo de migração, pois, devido à falta de oportunidade de trabalho e de estudo em seus países, podem ser atraídas por quadrilhas especializadas em tráfico humano.

Aliciadas com perspectivas de melhores oportunidades de vida, são vendidas e obrigadas a trabalhar sem remuneração assim que chegam ao novo país. Tornam-se escravas, seja por meio de mecanismos de endividamento com os traficantes – que nunca será pago –, seja por meio de torturas, ameaças e confisco de passaportes. Esses mecanismos de endividamento também são utilizados com grupos de homens imigrantes.

De acordo com o Serviço de Investigação do Congresso dos Estados Unidos, o tráfico de pessoas ocupa hoje a terceira fonte de renda do crime organizado, perdendo apenas para o tráfico de drogas e de armas. Dados estimados da ONU indicam que essa atividade criminosa movimentou entre 7 e 10 bilhões de dólares por ano. Segundo o Departamento de Estado norte-americano, 900 mil pessoas são vítimas de traficantes, que atuam de forma individual ou em redes organizadas que têm ramificações em dezenas de países.



Sasha Brezubov/CORBIS

Todos os anos, milhares de moças da Europa Oriental desaparecem no submundo do tráfico humano. Sem caminho de volta, essas jovens, como a mostrada na foto, são seduzidas por promessas de bons empregos, mas acabam sendo vendidas como escravas e prostituídas.

A FRONTEIRA NORTE-AMERICANA

Os Estados Unidos, país que mais recebeu imigrantes em todo o mundo e em toda a história, são formados por grande diversidade de povos de origem européia (preponderante), asiática, africana e diversos grupos indígenas, mas os latino-americanos constituem atualmente o maior volume de migrantes. Segundo Relatório da ONU de 2003, os Estados Unidos são o país com a maior quantidade de estrangeiros: mais de 35 milhões – quase a metade da população da Alemanha, país mais populoso da União Européia.

A legislação atual dos Estados Unidos é extremamente restritiva com relação à entrada de imigrantes. Sobretudo após os atentados de 11 de setembro de 2001, os consulados norte-americanos têm sido mais rigorosos na concessão de vistos de entrada a latino-americanos, africanos e asiáticos que desejem visitar o país. Desde janeiro de 2004, qualquer turista que ingresse nos Estados Unidos é fotografado e tem as impressões digitais colhidas e armazenadas em sistemas informatizados. Juntando os 600 mil imigrantes que entram legalmente todo ano aos cerca de 500 mil que entram ilegalmente, estima-se que mais de 1 milhão de pessoas, das mais diferentes nacionalidades, se somem anualmente à população norte-americana.

Entre os imigrantes clandestinos, destacam-se os *braceros*, como são chamados os mexicanos que ingressam ilegalmente em território norte-americano e ocupam postos de trabalho pouco qualificados. Para conter esse fluxo, o policiamento da fronteira entre o México e os Estados Unidos foi reforçado a partir da década de 1980 – muitos imigrantes de outros países latino-americanos costumavam utilizá-la para entrar clandestinamente em solo norte-americano. Atualmente, nessa fronteira há, em longos trechos, muros e grades, além de torres de vigilância.

O Nafta – acordo comercial entre Estados Unidos, Canadá e México – apresenta restrições à entrada de mexicanos em território norte-americano.



Sala de controle da polícia de fronteira norte-americana que monitora a entrada de imigrantes ilegais – na divisa dos EUA com o México (Eagle Pass, Texas), em fevereiro de 2003. O grande número de imigrantes que tenta ingressar ilegalmente no território norte-americano, via México, abriu mercado para especialistas em levar pessoas para o outro lado da fronteira. Esses especialistas são conhecidos por *coiotes*.



Milhares de mexicanos tentam por todos os meios cruzar a fronteira com os Estados Unidos em busca de oportunidades. Na foto, homem que se disfarçou de poltrona para ludibriar a fiscalização da fronteira.

Cubanos

A partir da década de 1990, os Estados Unidos começaram a receber grande número de imigrantes cubanos. A crise que envolveu a extinta URSS e os países do Leste europeu, no final dos anos 1980, teve reflexos imediatos na economia cubana. Cuba perdeu o mercado preferencial – para os países socialistas – de seus produtos de exportação, como açúcar e fumo, além da ajuda financeira anual que recebia da URSS. Além disso, devido à manutenção do embargo⁴ econômico norte-americano imposto a Cuba desde o início dos anos 1960, a economia cubana se encontra diante de um grande desafio.

Nos primeiros anos que se seguiram à Revolução de 1959, Cuba forneceu um grande número de refugiados políticos aos Estados Unidos. A partir da década de 1990, aqueles que não suportavam a escassez gerada pela crise econômica procuraram deixar o país, e muitos se dirigiram para o território norte-americano. Milhares de pessoas saíram da ilha, em pequenos barcos, em direção à península da Flórida. Devido à precariedade das embarcações usadas na fuga, muitos não sobreviveram. Esses migrantes, surgidos da crise econômica cubana, ficaram mundialmente conhecidos por *balseros*.



Balseros saindo de Cuba, em 1994. Sobretudo nos anos 1990, muitos cubanos tentaram atingir a costa norte-americana utilizando embarcações precárias.

4 **Embargo:** suspensão de comércio ou crédito entre dois países como forma de pressão econômica e política.

A REVOLUÇÃO CUBANA

No início da revolução, o governo Fidel foi visto com simpatia pela opinião pública dos Estados Unidos. Mas, em pouco tempo, essa imagem positiva modificou-se. O governo revolucionário determinou a execução sumária de todos os inimigos políticos do novo governo e promoveu a desapropriação e a nacionalização de uma série de empresas norte-americanas.

Fidel decretou a reforma agrária, desapropriou os latifúndios controlados por grandes empresas, nacionalizou os bancos e as minas. Em 1960, a Texaco e outras refinarias de petróleo foram nacionalizadas diante de sua recusa em refinar petróleo para o novo governo cubano.

Em 1961, os Estados Unidos romperam relações comerciais e diplomáticas com a ilha. A partir de então, qualquer cidadão, empresa ou filial de empresa norte-americana ficou impedido de realizar transações comerciais com Cuba. Proibiu-se também o turismo, que constituía uma importante fonte de renda para o país. Em 1962, Cuba foi expulsa da OEA (Organização dos Estados Americanos) e lhe foi imposto um bloqueio econômico por todos os países do continente, com exceção do México.

Esses acontecimentos forçaram uma aproximação definitiva de Cuba com a então URSS, que passou a adquirir, a bom preço, os tradicionais produtos de exportação cubanos, principalmente o açúcar. Além disso, ela forneceu a Cuba uma ajuda financeira inicial de 100 milhões de dólares para promover a industrialização do país.

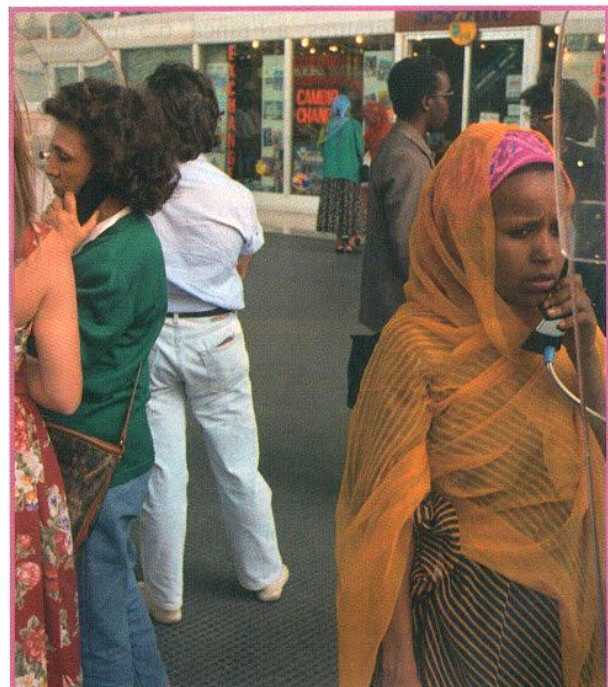
Cuba passou a adotar o sistema socialista e a manter relações políticas e econômicas com os outros países já alinhados com a então URSS (Bulgária, Alemanha Oriental, Tchecoslováquia etc.). Até o final da década de 1980, cerca de 85% do comércio exterior cubano era realizado dentro do bloco socialista. A perda desse comércio foi determinante para o colapso da economia cubana.

A FRONTEIRA DA UNIÃO EUROPEIA

As migrações políticas durante a Guerra Fria foram causadas pela insatisfação com os regimes ditatoriais no Leste europeu, na Espanha e em Portugal, sendo um fenômeno comum na Europa na segunda metade do século XX. No entanto, no fim dos anos 1980, a desestruturação da economia socialista passou a gerar migrações econômicas, com o objetivo de buscar oportunidades em outros mercados de trabalho na Europa Ocidental. Da mesma forma, a crise gerada pelo esfacelamento da Iugoslávia, e as perseguições étnicas que dela resultaram, afugentaram muitos habitantes para os países da União Européia, sobretudo para a Alemanha.

Os países situados no norte da África, especialmente na região do Magreb (Marrocos, Argélia, Tunísia),

constituem outro importante foco de movimentos migratórios em direção aos países da Europa Ocidental. Marroquinos, argelinos e tunisianos, que tradicionalmente engrossaram a população européia, continuam atravessando o Mediterrâneo, apesar das restrições feitas hoje aos imigrantes, sobretudo africanos e árabes. Atualmente, a França abriga a maior parte daqueles que saíram do Magreb. O Reino Unido, por sua vez, passou a receber, na segunda metade do século XX, habitantes de países que formavam o seu antigo império colonial. Indianos e paquistaneses são os grupos mais representativos no conjunto de seus imigrantes.



David Turley/CORBIS

Rua de Paris, França, em 1994, em que se observa a presença de imigrante africana junto à população francesa.

Desde a segunda metade da década de 1990, a União Européia vem tomando medidas drásticas para o fechamento de suas fronteiras aos movimentos migratórios. Entre os seus integrantes, a França e a Alemanha, que historicamente eram abertas à imigração, passaram a adotar políticas rígidas em relação aos estrangeiros. A livre circulação de pessoas dentro das fronteiras da Europa unificada obrigou os países-membros a adotar medidas comuns de restrição à imigração oriunda de países que não pertencem a esse bloco. No entanto, alguns países têm leis específicas para restringir ainda mais o fluxo migratório. Na Dinamarca, por exemplo, há uma lei proibindo o casamento de menores de 24 anos com qualquer pessoa que não tenha cidadania européia.

Os acordos de livre circulação de pessoas no interior da União Europeia geraram até mesmo incidentes diplomáticos entre Brasil e Portugal, que mantinham entre si uma política migratória flexível. No início da década de 1990, vários brasileiros que viviam em Portugal foram repatriados devido aos compromissos que esse país se viu obrigado a cumprir como membro da União Europeia.

A Alemanha é o país-membro que abriga o maior número de imigrantes, seguida pela França e pelo Reino Unido. Como vimos anteriormente, segundo dados divulgados em 2003 pela Organização Internacional para Migrações, da ONU, a Alemanha abrigava 7,3 milhões de imigrantes; a França, 6,3 milhões; e o Reino Unido, 4 milhões. Em relação aos demais países do mundo, a Alemanha ocupava o 3º lugar em volume de imigrantes no *ranking*; a França, o 5º; e o Reino Unido, o 11º.

Espaço & Humor

Pancho Cajais



Em: <http://cagle.slate.msn.com/politicalcartoons/pecartoons/archives/cajas.asp?Action=GetImage>

REFLEXÃO E DISCUSSÃO

- O que a charge retrata?

Reação aos estrangeiros

Nas últimas décadas, a União Europeia tem convivido com uma quantidade crescente de desempregados, que chegou a atingir mais de 10% da sua população economicamente ativa – em alguns países, esse número alcançou os 20%. No início do século XXI, apesar de o índice ter baixado para 8%, em média, cerca de 65 milhões de pessoas vivem em situação de pobreza dentro das fronteiras da União Europeia.

Na Alemanha, a situação tornou-se especialmente grave a partir de 1990, com a reunificação alemã. A economia do país passou a conviver com avanços tecnológicos que suprimiram empregos e com a falência de empresas da parte oriental do país, que não conseguiam competir num mercado aberto.

O índice de desemprego nos estados que integravam a Alemanha Oriental chegou, em 1993, a 30% da população economicamente ativa, um recorde mesmo quando comparado com o da recessão mundial no início da década de 1930. Mais de dez anos depois da reunificação, o índice baixou para cerca de 10%. Mas ainda é considerado alto.

Essa conjuntura de desemprego elevado favorece o ressurgimento do nacionalismo radical de alguns grupos políticos, que lançaram a seguinte questão: não há empregos para os europeus, por que não repatriar os numerosos estrangeiros que vivem na União Europeia? A entrada de refugiados oriundos do Leste europeu em razão da crise econômica contribuiu para aguçá-lo e para o crescimento de grupos de extrema direita, de caráter xenófobo⁵. Os grupos **neonazistas** foram os que mais cresceram nas últimas décadas, promovendo centenas de atentados à população turca, que forma o maior contingente de imigrantes da Alemanha.



Manifestação contra o neonazismo, em Solingen, Alemanha, no ano de 1993, em frente a um sobrado que era habitado por imigrantes turcos e foi incendiado por grupos de alemães neonazistas.

Fluxos do Leste europeu

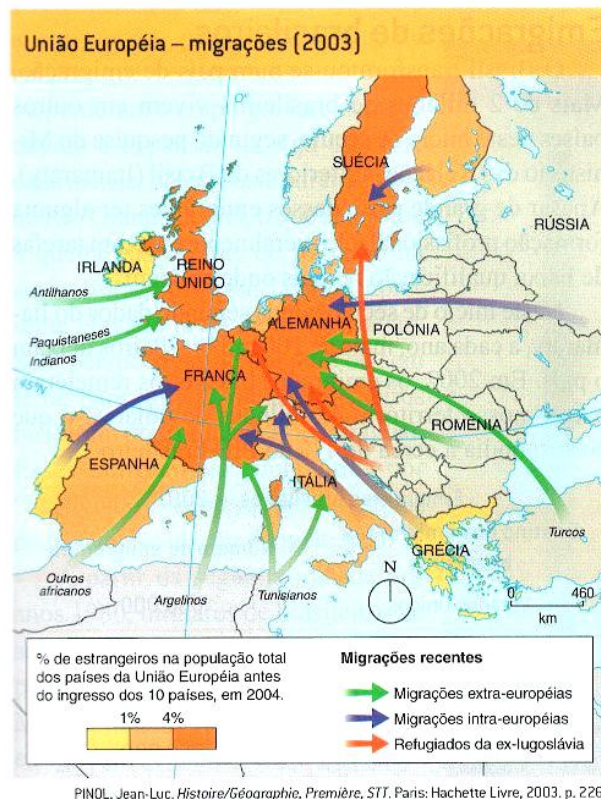
Como vimos, países do Leste europeu passaram a constituir uma zona de expulsão de habitantes pa-

5 **Xenófobo**: que demonstra aversão a tudo o que vem de fora do país.

a Europa Ocidental. Albaneses, romenos, búlgaros, tchecos, eslovacos e poloneses, além dos russos, dos ucranianos e dos bielorrussos, tentam recomeçar a vida no capitalismo já consolidado do Ocidente. Croatas, bósnios e sérvios seguiram a mesma rota na fuga da guerra civil instaurada com o desmembramento da antiga Iugoslávia.

A transição do socialismo para a economia de mercado tem enfrentado problemas maiores do que os imaginados pelos analistas mais pessimistas. Devido à defasagem tecnológica, muitas indústrias de países do Leste europeu – incluindo os países que integravam a extinta URSS – cerraram suas portas; além do fechamento de indústrias, houve queda na produção agrícola. A crise favoreceu o crescimento da economia informal e o surgimento de quadrilhas ligadas ao tráfico de drogas, armas e pessoas.

A transição econômica no Leste europeu desestabilizou a economia dos países daquela região e marginalizou boa parte dos seus habitantes, deserdados pelo Estado capitalista, que não deu continuidade à política do pleno emprego do Estado socialista. Rumar para o Ocidente, tendo a fronteira alemã como o horizonte mais próximo, tem sido a opção de muitos migrantes.



LUCCI & BRANCO & MENDONÇA. Território e Sociedade no mundo globalizado. Geografia Geral e do Brasil. Ensino Médio. Volume Único. São Paulo: Saraiva. 2005. 1ª Ed.

AS FRONTEIRAS MAIS VIGIADAS DO MUNDO

Há lugares em que a luta dos imigrantes para entrar nos países desenvolvidos é tão acirrada que ganhou aparência de guerra, com cercas de arame farpado, helicópteros em vôos rasantes e tiros de armas pesadas. É o que ocorre na linha divisória que separa México e Estados Unidos; no estreito de Gibraltar, entre Marrocos e Espanha; e no litoral italiano. Nesses locais foram montadas as fronteiras mais policiadas do planeta. Entre México e EUA, nas imediações dos centros urbanos, cães de guarda, carros de patrulha, câmeras e sensores protegem o muro de metal. Todos os anos, cerca de 300 milhões de pessoas cruzam a linha divisória, em ambas as direções, em 28 entradas oficiais.

O trânsito predominante é legal: veículos comerciais e gente que mora de um lado e trabalha no outro. Mas em torno dessa fronteira se formaram redes criminosas especializadas no tráfico de imigrantes. São os *polleros* ou coitoes, que cobram de 800 a 1,5 mil dólares para providenciar papéis falsificados e os melhores meios de burlar os controles. Segundo o governo do México, 665 mil mexicanos são mandados de volta a cada ano pelos EUA. De 1992 a 2000 foram deportados, na região da fronteira, 12 milhões de clandestinos, de várias procedências. Quanto às mortes, foram registradas mais de 2 mil entre 1990 e 1998.

A Espanha é outra miragem para milhares de habitantes do mundo subdesenvolvido. A cada ano, cerca de 50 mil pessoas usam o país como porta de entrada para a Europa. Vêm do Marrocos e da Argélia, no norte da África. E também da África subsaariana, como o Sudão, a Nigéria, o Senegal e o Mali. Dos que conseguem pisar no solo espanhol, grande parte fica. Essas pessoas vão trabalhar na agricultura, na construção civil e em serviços domésticos. No fim de 2001 havia na Espanha cerca de 1,2 milhão de estrangeiros legalizados e 150 mil ilegais.

Situação semelhante ocorre no litoral italiano, especialmente na costa do mar Adriático, onde aportam levas de imigrantes da Albânia e dos países da antiga Iugoslávia, além de norte-africanos e curdos. Muitos são refugiados políticos, mas a maioria procura um padrão de vida melhor. Calcula-se que tenham entrado 20 mil imigrantes ilegais na Itália no ano passado. Em julho de 2002, o Parlamento aprovou uma lei mais dura para impedir esse fluxo. Como ocorre nas outras fronteiras, os estrangeiros enfrentam toda sorte de risco. As travessias, em embarcações improvisadas, custam de 2 mil a 4 mil dólares. Na Itália, há empresas e fazendas que se especializaram em empregar mão-de-obra barata e irregular.

[*Atualidades-vestibular*. São Paulo, Abril, 2004. p. 77.]

O BRASIL E AS MIGRAÇÕES

O Brasil foi um país de imigração. Primeiramente, foi ocupado pelos portugueses e pelos escravos africanos (imigração forçada). Entre 1850 e 1934,